



O Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 21 de Março de 1981 * Ano XXXVIII — N.º 966 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

CONTRASTES

■ Presente e a ferir-me a imagem do meu António no aeroporto de Luanda, ao despedir-se de mim: «Adeus pai!» e deixou cair os braços e as lágrimas. Queria vir comigo. Que lhe encontrasse o pai em Portugal e lhe mandasse os documentos.

Tem 18 anos, fez a 8.ª classe, chama-se António Rodrigues de Matos, nasceu no bairro da Maxinde, Malanje, e sua mãe é Joana.

Antes de vir perguntei à mãe se fazia alguma ideia da morada do pai daquele filho. Que não.

Quem é? Onde está? Que coincidência feliz se ele se encontrasse, neste O GAIATO, com a mensagem do filho: «Veja se encontra o meu pai!»

Impune! Talvez com um lar feliz — esposa e filhos... E lá

longe — um dedo acusador e uma alma magoada e triste.

■ Vieram comigo o Carlitos e o Augusto, 13 e 15 anos, filhos de pais brancos e mães pretas. Os pais mandaram-me um documento a provarem que eram pais, queriam os filhos e se responsabilizavam por eles.

Aceitaram. Chamaram a si — como compete e é justo.

Valham-nos estes gestos luminosos e, outros ainda, a tornarem menos árido o panorama humano de tantos pais que abandonaram os filhos e, também de muitas madrastas, intolerantes, que não consentem a seus maridos o cumprimento do seu dever de justiça.

Não sou eu que julgo.

Mas que este abandono clama até ao fim do mundo — clama!

Padre Telmo

Os Meios de Comunicação e a VERDADE

Feriu-nos estes dias a constatação da leviandade com que meios de comunicação supostos sérios e com o dever de o ser, deram cobertura a uma evidente encenação forjada nas Aldeias SOS. Desde o devar-se da intimidade de uma família, à projecção pública de razões sem razão esclarecida, a produzir confusão, a induzir em erro, é todo um fomentado de destruição do que longa e trabalhosamente se foi erguendo naquelas crianças para quem as Aldeias são, algumas das quais já lançadas na vida ou a caminho disso, podem dizer o que a Obra é e lhes fez.

Quão difícil e moroso vai ser a dissipação do alvoroço produzido no espírito das crian-

ças agora utilizadas. Supondo, por mera hipótese, que havia fundamento para a contestação, por amor autêntico das crianças, nunca seria este o processo. Se os autores dela realmente amassem os pequenos e respeitassem a sua paz, colocar-se-iam na posição daquela mulher que, perante a sentença de Salomão («Divida-se a criança ao meio com uma espada e dê-se cada metade a cada uma das mulheres que se reclamam mãe») defendeu a integridade do seu filho, mesmo sob pena de ficar sem ele — com o que se denunciou a verdadeira mãe.

Sim, mesmo supondo, por mera hipótese, a existência de fundamento para a contestação, haveria meios institucionais de se inquirir da verdade, após o que, sim, haveria o direito de informar.

Este é o dever de denunciar

que cabe aos profissionais da informação. Apresentar equivocadamente uma versão como um relato da realidade, antes de verificada e julgada por quem de direito, será processo de certas folhas que exploram a credibilidade popular com os escândalos ou pseudo-escândalos que farejam quase sempre no sub-mundo da marginalidade e fazem delas pasto de uma curiosidade mais doentia que sã, reveladora de um nível cultural assaz rasteiro.

Este processo é mais um exemplo de como neste País, as crianças em carência são mais vezes utilizadas ao sabor dos interesses de adultos (segundo a idade) do que servidas nos seus (delas) interesses de futuro. Quem dera que os meios de comunicação deputassem cada um seu redactor

Cont. na 3.ª página

AQUI LISBOA!

● Afirmou João Paulo II, na recente passagem pelas Filipinas, que «a Igreja deve estar atenta às necessidades dos homens e das mulheres do nosso tempo» e que «não pode ficar indiferente aos problemas que eles enfrentam, nem às injustiças que sofrem». Sendo assim, deve ser nossa constante preocupação defender os mais Fracos e os Oprimidos, com todo o ardor de nossa alma e a coragem indispensável para denunciar injustiças e atropelos, venham eles donde vierem. Libertos que estamos de interesses mundanos, sentimo-nos à vontade, pois, para aflorar nestas colunas tudo aquilo que o dia-a-dia nos vá oferecendo de mote, ao serviço do Evangelho, logo ao serviço do Homem.

Na quinzena passada, falámos aqui da «Igreja dos Pobres», sem privilégios nem ostentações, e da necessidade de todos os cristãos viverem coerentemente a sua fé, para melhor servirem os desígnios e as finalidades do homem concreto, terrestres e sobrenatu-

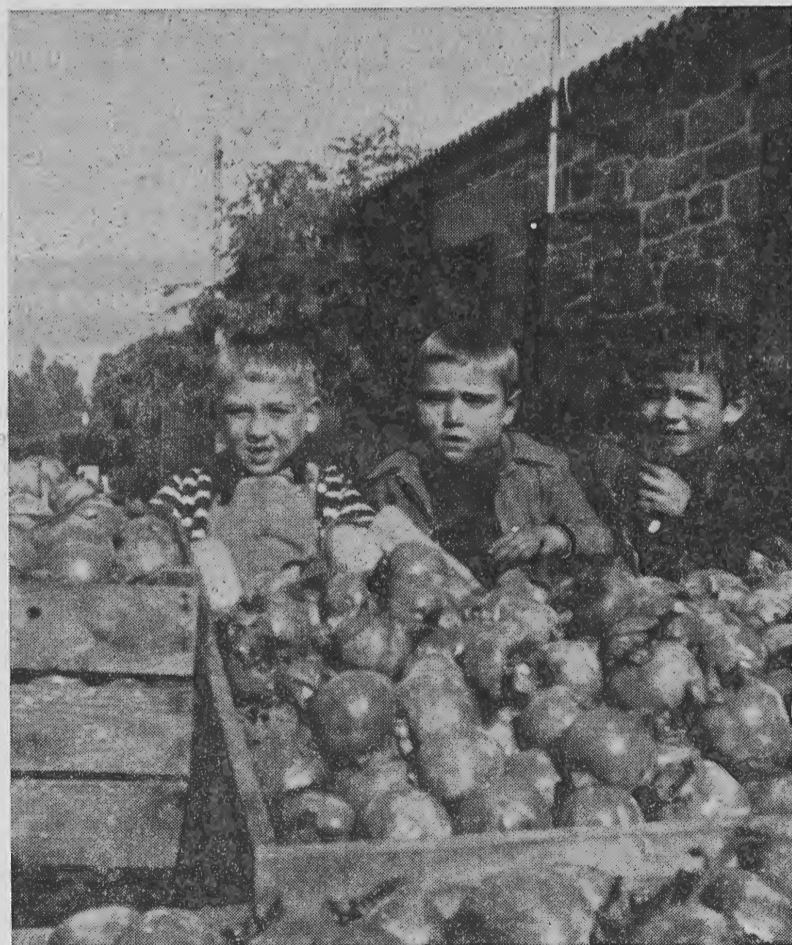
rais. Hoje, na mesma linha de ideias, recordando a alocução do Papa em S. Salvador da Baía, lembramos o Seu apelo a todos os que detêm responsabilidade na construção das sociedades: «Vós todos, que vos chamais construtores da sociedade, tendes nas mãos um certo poder, por causa das vossas posições, das vossas situações e das vossas actividades. Entregai-o ao serviço da justiça social. Rejeitai o raciocínio inspirado pelo egoísmo colectivo de um grupo, de uma classe, ou baseado na motivação do proveito material unilateral».

Ante os graves problemas postos à sociedade portuguesa, parece-nos constatar que nos embriagamos pelo facto de nos serem restituídas as chamadas liberdades cívicas, o que até não é verdadeiro, por se ficar muitas das vezes na teoria, enquanto não estão garantidos os direitos que aquelas supõem e exigidos os deveres que também elas comportam. Falla-se dos direitos à educação, à saúde, à assistên-

cia, ao trabalho, à habitação, à segurança, a constituir família, etc., etc., que estão longe de serem satisfeitos; os deveres, por outro lado, se é que não estamos de olhos e ouvidos fechados, estão longe de ser assumidos em pleno ou, com frequência, desvirtuados, no seu sentido mais profundo. Por outro lado, ante o consumismo exagerado, o materialismo feroz que grassa a todos os níveis, o pragmatismo que impera nas mais variadas situações e o hedonismo evidente da vida corrente, tudo contribui para um maior egoísmo e a conquista a qualquer preço, do dinheiro ou das vias que facilitem tais ismos. Pensarmos que somos livres só por podermos falar, escrever ou votar à vontade, é uma triste ilusão, que pode conduzir e conduz à escravatura mais atroz, quando não à violência.

No discurso atrás referido, na Baía, diz ainda o Papa: «Recusai a violência como meio de resolver os problemas da

Cont. na 4.ª página



Edgar, Augusto e Luís surpreendidos pela objectiva, quando namoravam cabeças de fruta que chegavam à nossa Aldeia.

PELAS CASAS DO GAIATO

Setúbal

ESCOLA — Chegou o Edmundo. Tem nove anos. A Escola era coisa abstrata para ele.

Hoje, quando à noite regresssei da oficina, fui arranjar a fechadura da sala onde um grupo deles estudava os deveres que o professor marcara. Luis, que anda na Telescola, servia de professor.

O irrequieto Edmundo lá estava, buliçoso e fala-barato, apesar da insistência do seu «mestre». Os outros trabalhavam. Só ele não. Não admira. É tudo coisa nova. Ele tinha chegado de véspera. Os outros serão os seus melhores mestres, e far-lhe-ão ver que em Casa há horas para tudo.

CIGANOS — Era já noite. A malta mais nova tinha ido para a cama. Eu mai-las senhoras conversávamos na salinha delas.

Senhor Padre Acílio chega. As «mães» da Casa perguntam se já comeu. Que não, «mas recebi uma alegria que valeu tanto ou mais que o jantar».

Jorge Leandro, que tirou o curso de Medicina e agora faz o seu estágio, aproveita as horas vagas dando aulas a um grupo de ciganos analfabetos. Ele concorre para o lugar onde estava e o requerimento foi indeferido. Jorge, agarrado aos seus homens, ficou desalentado e deixa transparecer a dor:

— Então, como é que eu vou deixar agora estes homens?!

Era oportunidade de ganhar uns cobres, mas o que mais lhe custava era deixar os ciganos entregues à ignorância das letras.

Ele foi sempre um rapaz de querer e com muita força de vontade adquiriu o seu curso.

Senhor Padre Acílio «mastigou» bem aquilo e vinha radiante. Que melhor triunfo do que este dum ressuscitado querer ressuscitar ciganos!

VISITANTES — Estava na oficina e fui chamado a atender «uns senhores».

Era um casal. Desejavam «internar» o filho de treze anos, que fugia de casa, das aulas, e não sei que mais.

— «Ele não é mau rapaz, mas nós é que não o podemos aturar; não andamos descansados» — diz o pai.

Tentamos fazer ver que ninguém melhor do que o pai e a mãe podem «aturar» o filho.

Contei do que somos e para quem somos.

— Até parece mentira como vocês, as Casas do Gaiato, conseguem resultados positivos com os meios que têm!

— Olhe — torna o pai a dizer — a mim ensinaram-me tudo menos a ser pai.

Compreendi o drama deste e de tantos outros, que por não terem não sabem dar.

Numa família há a confiança mútua, pequeninos nada que se vão dizendo e fazendo para que os filhos sintam qual o lugar que ocupam no lar, na escola, na sociedade.

Nós, pois, temos que estar alerta, e não esperamos que outros implantem

a bandeira do mal nos corações dos nossos jovens.

Se há pais que não sabem educar, existem por outro lado professores que não só não constroem, como tentam destruir algo que os filhos recebem do ambiente familiar. A Escola deixou de ser a continuidade do lar.

Há professores cujo desleixo faz com que os alunos não liguem ao pouco que o lar lhes dá.

Também há o contrário: Ainda há dias, uma professora que se esforça por dar alguma coisa aos seus alunos, chorou amargamente os insultos duma mãe que lhe saltou ao caminho...

Ernesto Pinto

UMA VIVÊNCIA — Vou falar de uma experiência de dez rapazes, vivida seriamente nos dias 31/1 e 1/2.

Quisemos encontrar o Amigo que já tínhamos perdido há muito tempo, mas encontramos-o e fizemos d'Ele centro de nossas vidas; para que assim possamos fazer parte da Sua Luz que ilumina o mundo inteiro. E que Ele nos faça pescadores de homens, sabendo perdoar ao mais pequeno dos nossos irmãos, pois é a Ele que o fazemos. Só assim é possível alcançar a vida eterna.

Foram dias muito cheios de amizade e de compreensão de uns para com os outros. A amizade foi vivida por nós em dois dias tão bem passados, que um deles chegou a dizer no fim:

— «Eh pá!, aproveitemos bem estas últimas horas, porque o melhor está a acabar. Dois dias são pouco tempo, quem me dera que fosse mais!»

Ele dizia isto tão confiante, que nem parecia o que era antes de chegar.

Devemos tudo isto a uma pessoa que nos acolheu com tanto amor — o P.e Santos — a quem confiámos, e com razão, pois nos percebia e nós a ele. Estivemos de certo modo interligados. Nós e ele. Foi uma pessoa tão boa, que nos sentimos tristes por partirmos sem ele; mas não faz mal, talvez algum dia o encontremos ou alguém parecido.

António Manuel Fernandes

Paço de Sousa

FUTEBOL — Últimamente, os desafios de futebol com a nossa equipa têm sido poucos mas bons. Assim, no passado dia 1 (domingo), o nosso onze saiu, por volta das 8,30 h, em direcção a Espinho. Aí defrontou a Académica de Espinho, que já veio ao nosso campo, vencendo por 3-2. Aqui, empatámos a 2 bolas.

Em casa, dão-se belas vitórias, mas apesar disso, fora é quase idêntico. Nesse dia, os nossos vieram muito lesionados...

Quem nos quiser defrontar, é favor escrever para Grupo Desportivo da Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa.

CASAMENTO — Realizou-se no passado dia 28 do mês anterior, mais um casamento na Capela da nossa Aldeia. Desta feita, foi o Manuel Sousa («Germano») com a Maria

Otília. A Missa foi às 11,30 h, presidida pelo P.e Carlos e concelebrada pelos restantes. De seguida foi servido um almoço a 50 convidados. Houve festa em nossa Casa.

Mais um irmão nosso deu um passo importante.

Depois do almoço, aí pelas 15,30 h, o nosso conjunto não se esqueceu da boa música. E, assim, passámos um dia festivo.

Aos noivos, a comunidade deseja grandes felicidades.

CARNAVAL — Já foi mais um Carnaval, alegre, bem passado.

Cá, trabalhou-se até à meia hora; almoçámos e a tarde foi nossa. E a festa só terminou para rezarmos o Terço.

Houve um intervalo em que se realizou um concurso de máscaras e trajes carnavalescos. Em 1.º lugar ficou o nosso «Faneca»; 2.º sr.ª D. Isménia; 3.º «Zaco», com uns trajes bem feitinhos. Enfim, boa disposição e alegria. Para o ano poderá haver mais!

FESTAS — Para ensaio geral, o nosso grupinho das Festas saiu no domingo, pelas 11,30 h, em direcção a Cinfães. Como se prepara a chegada do Coliseu, já não pode haver «travessões na garganta».

Em Cinfães, fomos bem aplaudidos e faz bem a gente levar um pouco de alegria por essas terras. Regressaram contentes e bem dispostos.

PEDIDO — Aqui em Casa, tudo gosta de música ligeira e rock. Por isso começou por se formar um conjunto, com a ajuda dos nossos leitores e amigos. Pois eu, hoje, aqui venho pedir que se algum dos nossos amigos tivesse um saxofone em casa, disponível, há um rapaz que gostaria de aprender a tocar. Esperamos uma resposta. Obrigado.

OFFSET — Recebemos a visita de uma delegação da Câmara de Comércio Luso-Americana, que ofereceu uma quantia para a compra de uma pequena máquina de impressão offset, já em laboração. Visitaram a nossa Aldeia. Almoçaram connosco. E, por fim, em nossas oficinas gráficas, observaram as qualidades da máquina que serve a formação profissional dos nossos rapazes.

Matos

Tojal

FESTA — Como já chegou ao vosso conhecimento estamos a preparar mais uma Festa!

Este ano o número de Rapazes que estão a estudar é maior, o que dificulta bastante os ensaios. Mas contamos ultrapassar esta e outras dificuldades de modo a possibilitar o encontro convosco no Monumental.

Entretanto precisamos da vossa colaboração. Faltam-nos algumas coisas e pensamos que está ao vosso alcance ajudar-nos. Contamos apresentar bastantes «raparigas» vestidas e maquiadas a rigor. Por isso precisa-

mos daqueles produtos necessários para pôr uma «doce au point». Quem tiver em casa sobras de pó de arroz, baton, rouge, sombras, lápis, etc., envie-nos ou entreguem nos locais habituais. Faziam-nos também muito jeito algumas cabeleiras ou, se preferirem, perucas ou «capachinhos».

Um manequim também viria ajudar a completar alguns quadros...

Ficamos a aguardar as vossas respostas e, no próximo número, daremos mais notícias sobre a Festa.

Jorge

MAIS DOIS — Chegaram até nós o Paulo Jorge, de 7 anos e o Joãozinho, de 3 anitos. Olhos meigos e ternos que procuram na Comunidade o amor que a sociedade lhes negou. Ficamos contentes com mais este «lixo da rua» e tudo faremos por eles.

LAVOURA — Na nossa quinta também se fizeram sentir os efeitos do mau tempo; as colheitas foram menores, mas graças a Deus ainda não faltaram laranjas em nossas mesas.

Que o Senhor permita que o mesmo aconteça em relação às batatas.

REUNIÃO — Tivemos a alegria de ter junto de nós os Sacerdotes da Obra que se reuniram pela primeira vez aqui, no Tojal — após a tomada de posse do sr. Padre Telmo — para resolverem assuntos relativos à Obra. Oxalá que as decisões tomadas contribuam para o melhoramento da Obra.

José Gois

O LUAR DAQUELA NOITE

A noite

Estava calma e serena.

O reflexo azul do luar

Penetrava na janela,

Iluminando meu quarto.

Acordei...

Meus olhos, confusos,

Se alertaram

Ao contemplar

Uma bela noite de luar.

Com tanto esplendor,

Eu vibrava

Como se uma coisa

Estranha, misteriosa,

Estivesse descobrindo

Em plena noite.

Um gemido de criança

Fazia prolongar o meu sono,

Enquanto a noite, esplendorosa,

Se ia amortecendo.

Sentia que o meu corpo

Estava fatigado.

Precisava repousar,

Continuar meu sono,

Mas não podia...

As estrelas vivas e cintilantes

Tornavam-me seu escravo.

E, quanto mais as admirava,

Mais saltitavam e abrilhantavam

A sua cor.

Manuel Henriques

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

«Quando não há tino» — diz o povo — as facilidades da vida (em qualquer sociedade) motivam desgraças que se repercutem no seio da Família indefesa.

Acudimos a um SOS que temos escrupulo de revelar na íntegra, quais dramas da vida real que escapam ao grande mundo, mas dentro das naturais limitações precisam ser conhecidos — para se procurar justiça.

Ela contrai Matrimónio com um homem da construção civil. O trabalho prospera e, de trabalhador, passa a patrão. Nasce seis filhos do casal, alguns dos quais ainda são bebés. «Fazíamos uma linda vida!» — comenta a esposa.

Entretanto, de bolsa cheia, hoje aqui, amanhã acolá, o jovem empregado cai na malha de mulheres fáceis. É o caos. Sofre a empresa, que entra em falência; e a Família, que se despedaça. A mãe e as crianças abandonam o lar várias vezes — como auto-defesa e para mortificação do pai — tentando sempre a conciliação. Porém, como «uma desgraça nunca vem só», a filha mais velha é vítima dos desvarios do pai! Consuma-se a separação e vão todos — mãe e filhos — alojar-se num limitado pardeiro dos avós; sem as mínimas condições.

Têm vivido a expensas da miserável pensão dos velhos, que mal daria para o caldo, pois não há buraco donde saia o próprio abono de família. Envergonhada, traumatizada, a pobre mulher não tinha coragem de sair do cubículo. Para ali estava como se vivesse noutro mundo!

Chega o recoveiro dos Pobres. Diagnostica, analisa, procura soluções. Antes do mais, havia que alimentar as orfanças. E, face a carências de legislação adequada concretamente à defesa da Família, sem festival burocrático, que remédio senão improvisarmos o que deveria ser moeda corrente, oficial, para casos semelhantes?! E são muitos. São milhares. Tantos, que parece não se dar fé! Talvez porque as dores são cortadas em quatro paredes e nem todas vão para o meio da rua...

A defesa da Família — particularmente as destruídas — é acção premente que não admite omissões! A Mensagem do Sinodo é bem clara: «As preocupações da Família cristã devem «alargar-se a toda a Família humana, (...) trabalhar pela promoção da Justiça e ajudar os Pobres e Oprimidos». E os Bispos sublinham, mais adiante, sem papas na língua: «Queremos ainda incitar e encorajar as Famílias a que se unam para defender os seus direitos e para resistir às estruturas sociais injustas e a todas as formas de acção pública ou privada que possam prejudicar a Família. Devem ainda esforçar-se por influir nos meios de comunicação social e ajudar na edificação de um mundo cada vez mais solidário».



Aviso aos novos Assinantes

E creio que não inútil, também, a alguns «velhos»...! É um postal do Assinante 9060 que me motiva. Ei-lo:

«Li no n.º 964, de O GAIATO, a local COBRANÇA que é assunto de que me tenho lembrado muitas vezes por difícil e caro para uma instituição beneficente como a vossa. Por isso me lembrei de alvitrar que um sistema como o que uso, daria resultado: Os Assinantes fariam a remessa do pagamento do jornal no dia (ou na ocasião próxima) do seu aniversário natalício. Isto seria até uma maneira de festejar aquele aniversário. Como lem-

brança da obrigação creio que daria resultado. Talvez pegue...»

Quem dera que pegasse mesmo! Teria, entre outras, a vantagem de distribuir pela roda do ano as contas de assinatura que se concentram especialmente na ocasião das grandes Festas, sobretudo o Natal, complicando imenso a tarefa dos Rapazes da Administração que se vêem a braços com correios monumentais, impossíveis de despachar dia-a-dia, com o perigo de confusões que os atrasos sempre provocam. E traria cada liquidação uma nota de afecto que está na intenção do subscritor do postal, como

se depreende do que afirma: «Isto seria até uma maneira de festejar aquele aniversário.»

O GAIATO é tão sensível a tudo o que seja comunhão! Tão alérgico a tudo o que cheire a contabilidade! Assim seríamos associados ao aniversário de cada um. Cá de longe participantes da festa. Tanto que P.e Telmo até escreveu no citado postal este comentário: «Vamos ter festa rija!» Em cada dia, na hora do Altar, lembrariamos ao Senhor os aniversariantes desse dia. Ele os conhece. Ele sabe das necessidades de cada um. A acção de graças de cada pelo dom da vida, formaria um coro no momento da Eucaristia. Era mesmo festa rija! Não mais a intenção particular: «Celebre Missa por mim». Celebrariamos por muitos e cada qual faria menção dos outros. Que importa que a gente se não conheça naturalmente, se somos vizinhos no Coração de Deus?! Quantos leitores do «Famoso» que nunca vimos e conhecemos tão bem e de quem somos tão amigos! Lembrei-me agora daquele general que há meses me apareceu no Lar do Porto a dar um abraço, o primeiro que fisicamente trocámos. E, no entanto, quantas vezes nos abraçámos em espírito e em verdade, desde que

ele era ainda major ou capitão! A Eucaristia é — e deve ser concretamente para cada um de nós — a grande expressão da Caridade. Quando vamos a uma terra fazer Festa, a Missa desse dia é por todos com quem nos vamos encontrar. Nas jornadas da venda do jornal ou da missão nas Paróquias por onde andamos, a nossa oração familiar costumamos oferecê-la por todos que nesse dia nos acolhem. Esta é a quitação essencial que prestamos, de tão descuidados que somos na acusação burocrática de quanto nos chega.

Abraçamos pois a sugestão do Assinante 9060. Não tanto como método simples e eficaz de nos darmos uns aos outros as contas que nos devemos (e já seria muito!); mas, sobretudo, porque o método se inscreve numa mística de comunhão de vidas que sempre foi e é o objectivo do GAIATO, aquela necessidade de alma que levou Pai Américo a fundá-lo para comunicar aos outros a fome e sede de justiça que o devorava e que é fonte de bemaventurança para quantos a assumem.

Afinal, até aqui, como na hora das homilias, me não apetecia descer ao concreto que tantos nos perguntam e era, ao principiar, a intenção deste aviso. «Como se paga O GAIATO?» «Quanto se paga?» «Quando se paga?» Pois aqui fica dito, uma vez mais, que a moeda cunhada de pouco vale se não

significa a inquietação e o amor que arde no coração de cada assinante. Propagar esta inquietação, este fogo que Cristo veio acender à Terra e outra coisa não deseja senão que se ateie, foi o propósito de Pai Américo, é a missão do GAIATO e a condição da sua assinatura. Nunca fizemos nem estipulamos estritamente o preço. Aos perplexos e aos escrupulosos costumamos lembrar que o preço de capa é 5\$00 e saem 26 números por ano. Que cada qual faça as contas que quiser e as passe pela sua consciência. Deste modo estarão sempre certas para nós.

Como se manda e para onde?... Pois, por cheque ou por vale. O jornal traz o endereço da sua Administração e são sabidos também os endereços de cada Casa da Obra. Há ainda a possibilidade da entrega directa: no Porto, no Espelho da Moda, aos Clérigos; em Coimbra, na Casa do Castelo, na Sofia; em Lisboa, no Montepio Geral, na Rua do Ouro; em Setúbal, pelo menos, no nosso Lar no Largo das Areias.

Que os novos Assinantes — e os «velhos»! — não tropecem nestes acidentes. Assim como o que motivou esta nota, outros podem ter outras lembranças... Importante é deixar ao Espírito as almas bem abertas aonde Ele sopra!

Padre Carlos

Em suma, para o caso vertente: Trabalho para a mulher. O pão-mosso de-cada-dia. Inscrição na Previdência. Alibonos de família. Apoio moral. Promoção social.

Ela já desce ao povoado. Tem outra cara. É outra mulher! Está mais inserida no meio, até recuperar; não a posição que teve..., mas uma vida digna, no seio da comunidade cristã, onde os filhos — ainda que órfãos — possam crescer e ser homens no Portugal de amanhã.

PARTILHA — Mãe de nossa colega — que Deus tem — na antiga Escola Mouzinho da Silveira (Porto), manda 50\$00 e comenta: «É uma vergonha, mas... migalhinhas é pão». Os Pobres vivem destas migalhas. E são muitos!

Pobres que renunciam em benefício dos Pobres: «Dum anónimo, a migalhinha junta, dá-dá não ser possível (ao reformado) uma importância válida». Afirmação que denuncia uma injustiça!

Parte do salário duma Empregada Doméstica, de Lisboa:

«Que este dinheiro (dois mil escudos) seja pelas almas do Purgatório, já que eu não posso fazer mais nada. E há tanta coisa a fazer e tanta gente que podia fazer e não faz!»

Que Deus me dê o indispensável para viver.

O meu muito obrigado e desculpe, mas não sei fazer melhor. Foi dinheiro que juntei para a Conferência. É pouco, mas eu também ganho de dia para comer à noite.»

Assinante 19177 com 100\$00 «que pessoa amiga me deu». Cem florins de Natália para «auxiliar uma Viúva pobre, com filhos». Paço de Arcos, 200\$00 «para casos aflitivos que aparecem, cada vez mais abundantes! Que Deus nos ajude, para que os Homens sejam cada vez mais Homens».

Da Invicta, 200\$00 «com todo o amor e carinho, pedindo desculpa pela insignificância».

Esta preciosa dos Humildes é uma chuva de Sobrenatural!

Mais um remanescente de contas entregue no Espelho da Moda. Velha Amiga de Carrizado de Montenegro, 100\$00. Outra vez a assinante 19177. Mais perseverança: cota de mil, por Março e Abril, da assinante 13519. Mais 200\$00 de um anónimo.

Assinante 11162 segue com «migalhinhas». A presença habitual do

casal-assinante 17022. Mary, de algures, 350\$00 em «acção de graças». Assinante 8492, 300\$00. Mulher forte e com apurado sentido de Justiça, uma assinante de Paço de Arcos partilha o seu vencimento com os Pobres todos os meses!

Fiães, 500\$00 «para ajudar as obras da casa que estais a arranjar». Outra Empregada Doméstica, de Lisboa, com 200\$00. Mais 500\$00, de Gaia: «Encontro no O GAIATO o Caminho, a Piedade e a Vida».

As notas publicadas quinzenalmente fazem sangrar muitas almas! Um Vicentino de Lisboa, é, desde sempre — para os nossos Pobres — um autêntico Bombeiro:

«Mais uma vez é O GAIATO que toca a rebate em prole da pobre Viúva que, desprovida de meios, se vê assediada pelo tribunal, pelo fisco e por um credor...»

O Vicentino não podia ficar indiferente e, embora com sacrifício, faz como os Bombeiros Voluntários quando ouvem o toque de rebate: vai acudir.

Aqui vai, pois, um pouquinho para acudir à situação da infeliz Viúva. Agradeço uma oração por uma familiar doente.»

Vila Nova da Cerveira:

«Para ajudar a resolver os problemas da Viúva, a que se refere O GAIATO de 7 do corrente, junto um cheque e que Deus me ajude também com as graças que diariamente Lhe peço.»

Por fim, «Casal amigo» da capital:

«Junto enviamos um cheque com a esperança de que ainda vá a tempo de reformar a letra do credor da pobre Viúva a que se refere O GAIATO de 7 de Fevereiro.»

É o menos que podemos fazer. Bem hajam por tudo o que nos têm dado.»

Temos mais uma Viúva feliz, graças a Deus, com Justiça pronta e eficaz; e suprimos exactamente aquilo que deveria ser feito oficialmente. E não se faz!

São três ofertas valentes! E, neste momento, temos mais duas famílias para alojar condignamente, cujas obras serão uma fortuna. Mas Deus não falta. Deus é!

Um muito obrigado em nome dos nossos Pobres.

Júlio Mendes

Lar Operário em Lamego

Aqui... Samodães

O tempo não vai favorável às flores, todavia, hoje tenho vontade de falar de alguns botões floridos no nosso Jardim.

É verdade que encontramos também espinhos, mas estes, para além de tudo o mais, servem para realçar o valor daqueles.

Há dias, a pouca distância

Os Meios de Comunicação e a Verdade

Cont. da 1.ª página

que se debruçasse sobre casos e casos de crianças vítimas de desvarios sociais e, a partir desse estudo, induzisse razões que o levassem a alertar o Povo e os Governantes para a urgência premente de uma reformulação total do Direito dos Menores, escrito por doutores que, às vezes, sabem pouco da vida real daqueles para quem legislam e não cuidam suficientemente de o saber. Isso sim, seria um serviço da Verdade e da Justiça que todos devemos à Criança.

Padre Carlos

da povoação de Samodães, vi o Raúl que por ali todos conhecem como criança de temperamento especial. Parei o carro e quis falar com ele. Foi impossível. Fugiu de mim espavorido e desapareceu. Fiquei triste. São os espinhos. Depois pensei: será sempre assim? Estas crianças que não têm um sorriso, que não querem encontrar-se comigo, não poderão tornar-se simpáticas? E fui encontrar resposta no Jardim Infantil. Não me enganei. A Sónia tem só 3 anos. Vejo-a várias vezes entre as outras crianças que frequentam o Jardim. Daquela vez estava à janela quando passei na rua e logo começou a saudar-me tão satisfeita, que se esqueceu dum objecto que tinha na mão, deixando-o cair.

Reflectindo nestes contrastes louvamos a Deus pela obra que está a começar e pelos benfeitores que nos têm ajudado. Habitamo-nos a chamar milagre, ou a dizer que foi por acaso, aquilo que não sabemos dar explicação. Digo também que em Samodães, povo bom, humilde, mas sem recursos, se está a realizar um milagre na construção do Jardim Infantil. Aquêle punhado de crianças que agora se reún-

ne numa sala improvisada, falam, riem, brincam, têm carinhos tais, que mais nos parecem anjos caídos do Céu. Sabem ser meigas e dóceis, quando até aqui os seus gestos mais comuns, eram atirar pedras, empurrar, dizer inconveniências... O que dirias, querido leitor, se conhecesses o caso, e visses agora os filhinhos mais novos do Adamastor?

Aos sábados e domingos as crianças ficam em casa. Algumas, ansiosas pela segunda-feira para voltar ao Jardim, e não tendo a noção do tempo, perguntam aos pais: — «Quantas noites faltam para segunda-feira?...» A estas deve fazer confusão sofredora as noites que são intermináveis. Se não fossem crianças poderíamos dizer que os seus olhinhos estão fechados pelo egoísmo, pelo amor próprio, pela inconstância, pela covardia, pelo comodismo, pelas falsas alegrias. Fazemos votos que passem depressa aqueles dois dias e que apareça o Sol do Jardim e o seu calor dissipe o Inverno de alguns, fazendo florir em pequenos e grandes a Primavera do amor.

Padre Duarte

Festas

A nossa Festa de 1981, já safu para a rua. Os seus primeiros passos levaram-na a Cinfães, no passado domingo. A primeira apresentação decorreu num ambiente de calorosa amizade e foi um feliz pontapé de saída.

O grupo dos nossos que iria dar corpo à Festa, chegou a Cinfães cerca das 14 h. Depois dos necessários preparativos, fez a sua actuação. O calor do público foi uma constante. Não pela arte surgida no palco, mas pelo carinho que nos dedicam... E aconteceu alegria. Alegria que se prolongou pelo jantar que nos foi oferecido, jantar em que participou também um grupo de jovens e os sacerdotes que trabalham na Vila.

No regresso, dentro da nossa carrinha, as cantigas continuaram até Casa. Para todos nós é consolador sentir que somos estimados.

Assim, com o coração cheio continuaremos nesta caminhada, ao encontro dos nossos amigos nas povoações abaixo anunciadas.

Padre Abel

ZONA NORTE

MARÇO

31, às 21,30 h — Teatro Aveirense — AVEIRO

ABRIL

1, às 21,30 h — Teatro S. Pedro — ESPINHO

2 " " " — COLISEU DO PORTO
Bilhetes à venda: Espelho da Moda, R. dos Clérigos, 54 e bilheteiras do Coliseu.

8 " " " — Cine-Teatro Real-VILA REAL

10 " " " — Cine-Teatro Augusto Correia V. N. FAMALICÃO

29 " " " — Cinema S. Geraldo-BRAGA
Bilhetes à venda: R. Santa Margarida, 8 e bilheteiras do Cinema S. Geraldo.

MAIO

6, às 21,30 h — Amarante Cine-Teatro AMARANTE

8 " " " — Cine-Teatro João Verde MONÇÃO

15 " " " — Cine-Teatro Ribeiro Conceição — LAMEGO

ZONA CENTRO

ABRIL

25, às 21 h — Salão dos Bombeiros MIRANDA DO CORVO

MAIO

1, às 15,30 e 21,30 h — Teatro Avenida COIMBRA

Bilhetes à venda: Casa do Castelo, Rua da Sofia e nas bilheteiras do Avenida.

2, às 21,30 h — Casa do Povo de MIRA

3, às 15 h — Cinema do Casino Peninsular FIGUEIRA DA FOZ
Bilhetes à venda na Tulmar.

8, às 21,30 h — Teatro-Cine da COVILHÃ

Bilhetes à venda: Jerónimo dos Santos (Seguros) e bilheteira do Teatro-Cine.

9, às 15,30 h — Cinema Gardunha - FUNDÃO

Bilhetes à venda: Casa da Beira e bilheteiras do Gardunha.

10 " " " — Cine-Teatro Avenida CASTELO BRANCO

Bilhetes à venda: Casa Pinto, Papelarias Semedo e Elias Garcia.

A convite do Pároco e homens bons de Galegos, abrimos a porta de várias comemorações programadas, naquela localidade, para solenizar os 25 anos da passagem de Pai Américo à Vida no seio do Pai Celeste.

Estavam os responsáveis da paróquia; gente idosa e muita juventude; todos de ouvido e alma abertos para conhecerem melhor um filho de Galegos que, mercê dos designios insondáveis de Deus, renunciou à fatuidade do mundo e doou-se à Igreja como Sacerdote, especificamente para servir os Pobres.

Em síntese difícil, que Pai Américo é uma personalidade multifacetada, referimos os pontos fulcrais da sua vida; talvez aqui e ali com a natural emoção de um filho que recorda o Pai.

A meninice e a infância. A acção da Mãe e da senhora Rosa do Bento (catequista) no despertar de uma vocação. A contradição do Pai. A bondade nata do Ameriquito, aquecendo estômagos famintos, com trocos do merceeiro, milho da eira, boroa na taleiga. A vida escolar. O trabalhador-estudante: casa de ferragens em Mouzinho da Silveira/Instituto Comercial do Porto. A delicadeza como, «em certos dias da semana, safa diligente — de dentro do estabelecimento — a oferecer um banco a um homem alto, grave e pontual» que entrava na loja «a esperar um carro da Rua do Infante»; o qual viria a ser seu futuro Bispo — o sr. D. Manuel Luiz Correia da Silva! Nota curiosa, escrita em expressivo documento entregue àquele Prelado, antes da ordenação, e que viria a ser, digamos, «a chave da sua vida».

A carreira profissional do Américo, em África. Toda uma

PAI AMÉRICO



abastança que nunca fez esquecer os Miseráveis. Problemas de fé, limados por D. Rafael da Assunção. A «martelada» que o levou ao Convento franciscano de Vilarinho da Ramallosa... e a ordenação sacerdotal na Diocese de Coimbra. O profundo significado do ponto de admiração que apunha no fim da assinatura: Padre Américo! As motivações e início da Obra da Rua. Muitos passos que testemunhámos na expansão da Obra, de O GALATO, do Património dos Pobres, do Calvário. Todo um carisma que se reflectia na palavra escrita e falada, que arrastava multidões inquietas por Cristo Crucificado — nos Famintos. Até o último dia, o primeiro grande dia da sua Vida.

Galegos estará em festa, oportunamente. Não importa o como; sim o porquê. Na medi-

da em que as novas gerações melhor poderão transmitir como ali, naquela terra, houve um Homem que se despojou de tudo para servir Cristo e, n'Ele e por Ele, sobretudo os Pobres e Oprimidos.

P. S. — Um grupo de antigos gaiatos — espalhados pelo mundo — deseja, também, assinalar a efeméride em nossa Aldeia de Paço de Sousa. Oportunamente, fará uma convocação geral.

Ainda não há programa. Mas tudo leva a crer que todos os que beneficiaram da acção de Pai Américo estejam presentes, em corpo e alma.

Será uma jornada de consagração, que ficará assinalada nos anais da Obra da Rua.

Júlio Mendes

Partilhando

□ Era uma senhora viúva, decentemente vestida de preto. Arranjadinha, pois era domingo. Veio de motorizada com um sobrinho, que da Sobreira até aqui ainda são uns quilómetros. Tem na sua casa, que o marido ajudou a cons-

truir, nove filhos quase todos menores. Mas a casa está por pagar, em parte. Deve algum dinheiro e querem que ela se desfaça da casa, para pagar a dívida. Ela quer pagar tudo, mas quer ter o direito a um tecto seu, muito seu, porque das suas mãos, suor e canseiras é que saiu tal direito de ter... Ela tem razão e os credores também. E nós, os de fora, o próximo — que fazer? — Ajudar a fazer justiça, «usando de misericórdia». O Evangelho assim manda. Fazer a Justiça! E esta mulher veio-nos pedir Justiça! Disse-nos assim: — «Eu não devia vir cá pedir nada, mas sim trazer...». Ela trouxe o seu pedido, a sua vida de viúva e mãe de muitos filhos menores, a angústia de perder o tecto a que tem direito e as dívidas inerentes... Recebe uma pensão de dois contos, tem um braço doente e muitas bocas a comer. Trouxe-nos mais do que pediu!... É que os Pobres devem dar as mãos!

Assim vamos fazer.

Padre Luiz

Padre Moura

AQUI LISBOA!

Cont. da 1.ª página

sociedade, pois a violência é contra a vida e destruidora do homem. O vosso poder, seja ele político, económico ou cultural, aplicai-o a serviço da solidariedade, que abrange todo o homem e, em primeiro lugar, aqueles que são os mais necessitados e cujos direitos são mais frequentemente violados. Colocai-vos ao lado dos Pobres, coerentes com o ensinamento da Igreja, do lado de todos os que são, de alguma maneira, os mais desprovidos dos bens espirituais ou materiais, dos quais eles têm direito.» São palavras cheias de conteúdo, a exigirem a nossa adesão e vivência plena, se é que queremos assumir as responsabilidades que nos foram confiadas em todos os planos ou sectores, sejam eles políticos, militares, culturais ou religiosos, que todos têm a sua importância e esfera própria, como missões de serviço comunitário, no bom uso dos dons e dos bens colocados à nossa disposição, o que nem sempre sucede, infelizmente.

● Senhora discreta, mas determinada, tem vindo até

nós, com vários tipos de presenças. Sem anúncios ou ostentações. Aqui há tempos trouxe-nos colchas amorosas para uma das camaratas, mais outras utilidades, como toalhas e panos de mesa de cabeceira. Há dias chegou-nos com 25 pares de calçado novo, de vários números e feitios. Passagem fugaz, em mera visão humana, mas marcante aos olhos de Deus. Bem haja!

De Cascais, de alguém que muito respeitamos, chega-nos cheque volumoso. É para as casas em construção de dois dos nossos Rapazes, dizemos nós. A vida está cara e ajudar um lar a ter a sua casinha é uma coisa muito ao nosso jeito. Deus seja louvado!

Director: Padre Telmo
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — 4560-PAÇO DE SOUSA — Telef. 95285
Composto e impresso nas Escolas, Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa